



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**Fernando Domingos de Aguiar Júnior**

***COMO ESQUECER, DO COMEÇO AO FIM?* LEITURAS DAS  
REPRESENTAÇÕES DO HOMOSSEXUAL NO CINEMA BRASILEIRO**

**GUARABIRA – PB  
2014**

**Fernando Domingos de Aguiar Júnior**

***COMO ESQUECER, DO COMEÇO AO FIM?* LEITURAS DAS  
REPRESENTAÇÕES DO HOMOSSEXUAL NO CINEMA BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em História.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega.

GUARABIRA - PB  
2014

Aos meus pais:  
Maria Aparecida Domingos de Aguiar e  
Fernando Domingos de Aguiar,  
Sem eles, este sonho não seria possível.  
Meu eterno amor e gratidão.

A282c Aguiar Júnior, Fernando Domingos de

Como esquecer, do começo ao fim? Leituras das representações do homossexual no cinema brasileiro / Fernando Domingos de Aguiar Júnior. – Guarabira: UEPB, 2014.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)  
Universidade Estadual da Paraíba.

FERNANDO DOMINGOS DE AGUIAR JÚNIOR

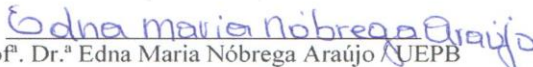
**COMO ESQUECER, DO COMEÇO AO FIM? LEITURAS DAS  
REPRESENTAÇÕES DO HOMOSSEXUAL NO CINEMA  
BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em **História** da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em  
História.

Aprovado em 03/02/2014.

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega / UEPB  
Orientadora

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses / UEPB  
Examinador

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Nóbrega Araújo / UEPB  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Sempre acreditei que a vida é uma constante de encontros e desencontros. Nesse processo constante de ir e vir, cruzamos olhares, nos entregamos em abraços, compartilhamos não apenas os fardos, mas simultaneamente as conquistas. Hoje, mais uma etapa da minha vida chega ao fim e em dentro de mim só há gratidão, tenho muito que agradecer. Quero dedicar esta conquista a cada um e cada uma que esteve ao meu lado de alguma forma, por isso participou comigo nesta caminhada.

Dedico esta conquista aos meus pais, *Sr. Fernando e Dona Cida*; sem eles os simples gestos de sorrir e sonhar, não seriam possíveis e esta conquista ocorreria sem a mesma alegria. Obrigado meus pais, por acreditarem em mim e em meu sonho. Obrigado por cada gesto de amor e por toda parceria feita, sem vocês passar estes cinco anos em Guarabira não seria possível. Obrigado por dividirem tudo comigo. Meus pais, meu amor e razão. Não me esquecerei de tudo o que fizeram e fazem por mim.

Agradeço aos meus irmãos, *Gilson e Giselle*, por estarem ao meu lado e sempre que precisei me ajudaram a permanecer na UEPB, me incentivaram e estiveram comigo em várias etapas. Levo comigo o sentimento de gratidão por ser parte dessa família.

Sair de casa, ir para outra cidade, largar do trabalho e da convivência com pessoas queridas, foi de fato necessário para abraçar meu sonho. Abraçar este sonho com o apoio de *Dorival e Sueli* fez toda diferença. À minha tia, ao seu esposo e filhar, *Suene e Wesleyne*; minha gratidão pelo teto, pela dormida, pelo pão, pela renúncia, cuidado e afeto. Lembrarei de vocês e de tudo o que fizeram por mim. Obrigado.

Em Guarabira fiz novos amigos (a família que escolhemos ter); e aqui na UEPB, contei com o constante apoio e acolhimento de *Dona Lúcia e Sr. Gerson*, donos de uma lanchonete no Campus III, ali fiz todas as minhas refeições durante estes cinco anos e sempre contei com a generosidade dessa família. Deus me deu vocês.

Quem me conhece sabe bem que tenho uma segunda mãe que também se chama Aparecida e ela está em minha vida desde minha infância. Não poderia deixar de agradecer a ela por tudo o que me fez. *Cida Dantas*, obrigado pelo amor, pelo carinho e por acreditar em mim. Seus inúmeros gestos de cuidado e amor; obrigado por me ajudar a concluir este curso. Você é parte desta conquista.

E a vida, e Deus foram sempre muito generosos comigo. Deus colocou mais um anjo em minha vida. Minha gratidão à **Silvia Barreto** que foi minha supervisora de estágio no SESC em Guarabira, onde tive a honra, a benção e sorte de permanecer por 20 meses. Obrigado Silvia, por ter compartilhado comigo experiências e aprendizados que a vida lhe deu, obrigado pela compreensão e pelo apoio nas horas que mais precisei. Sem o seu apoio essa caminhada haveria de ser mais dura. Você é parte desse sonho. E aprendi a “não misturar as estações”. Meu abraço.

Minha gratidão especial vai para minha orientadora **Elisa Mariana**, pelas oportunidades que me deu, pela paciência que teve comigo, pelos direcionamentos acadêmicos e em especial pela humanidade compartilhada e por simplesmente tornar-se parte de minha história. Por meio de nossas pesquisas, meus sonhos foram tomando forma e ganhando cor. Obrigado.

Agradeço também à minha banca examinadora, nas pessoas de **Edna Nóbrega** e **Joedna Reis**. Toda cidade de Guarabira sabe que no Campus III há uma família. Neste espaço acadêmico os estudantes de História são acolhidos e impulsionados a bater asa e levantar voo. Com Edna iniciei minha vida acadêmica, veio dela a primeira oportunidade de desenvolver minhas leituras e minha escrita, por meio de uma extensão que tinha por objeto a infância pobre e o trabalho infantil na cidade Guarabira – amor à primeira vista.

Falando em academia, falando em Campus III, tive o melhor time de professores e parceiros. Quanta honra em conviver com a seriedade, responsabilidade e paixão de **Waldeci Chagas, Tiago Bernardon, Alômia Abrantes, Naiara Ferraz, Marisa Tayra, Mariângela, Luciana Calissi, Fagundes, Susel Oliveira, João Bueno, Ivonildes Fonseca, Flávio e Martinho Guedes**. Lembro com carinho também de alguns que passaram pela UEPB, quero deixar aqui meu carinho e gratidão à **Eltern Valle, Renato Moiteiro, Paula Rejane, Tony Elíbio e Rosilene Agapito**. Meu abraço e carinho aos companheiros e companheiras. Minha gratidão mestres.

Ainda no Campus III, pude contar com o apoio especial de amigos. Gestos que não esquecerei e estes sabem muito bem do que estou falando. Obrigado minha amiga **Andreza Oliver** e **Carlos Adriano** pela parceria e amizade. Amo vocês.

Um beijo e um abraço especial à **Mônica Ferreira, Francisca Fam, Márcia Carvalho e Juliana Gonçalves**. Pessoas amigas que estiveram e estão comigo.

Por fim, quero deixar minha gratidão à minha turma *Wilton Cunha, Aline Marques, Alan Primo, Adriana Alexandre, Hummel Wagner, Lucicléia Aparecida e Petson...* Por cinco anos estivemos juntos, compartilhamos dores, agonias, angustias, medos, inquietações. Mas juntos superamos desafios, realizamos sonhos, compartilhamos alegrias, brindamos à vida. A conquista de cada um fortalece e inspira todos, pois somos parte disso tudo. É hora de cada um seguir seu caminho, mas é certo que me lembrarei de vocês. Obrigado queridos por tudo. Não poderia deixar de agradecer em especial à *Anna Valéria, Fábio Oliveira e Neto*, nos encontramos na reta final do curso e a nossa convivência, selou nossa parceria e amizade. 2009.1 vocês são especiais.

Em 2007 tranquei o Curso de Teologia e precisei recomeçar minha vida, praticamente do zero. Minha paixão pela História havia nascido na 6ª série do Ensino Fundamental, numa sala de aula da Escola Municipal Seráfico da Nóbrega em João Pessoa, numa aula sobre a Mesopotâmia com a Professora Beta. Em Novembro de 2007 escrevi um texto:

*A história continua...*

**A história continua...**

**No decorrer de nossas vidas**

**No passar do tempo**

**Somos levados a compreendermos esta verdade que nos surpreende**

**A história continua...**

**Não há, não houve fato que desse na história um ponto final**

**A história tem ultrapassado obstáculos, eras, guerras, gerações e épocas**

**Catástrofes naturais ou não, nunca tiveram o poder de por um fim na história**

**Nada a impede de se tornar perpétua no tempo**

**Nem os oceanos lhes impõem limites**

**E ela, a história vai tomando o universo, se fazendo presente fora de nossa atmosfera**

**Por isso a história pode ser interpretada como um grito infinito**

**Como uma carta aberta e ainda em processo de construção**

**Como o vento, que vem do sul para o norte, do leste para o oeste**

**Que não cansa de soprar**

**Que não cansa de registrar os fatos, o tempo, as épocas e a eras**

**Em nossas vidas, não é diferente**

**A nossa história continua...**

**A nossa vida continua...**

**Mesmo em meio às tempestades ou aos deslizamentos,**

**Mesmo em meio aos maremotos e terremotos**

**Ou no olho do furacão**

**A nossa história continua...**



**A nossa vida continua...**

**De fato há momentos em que paramos no tempo**

**Em outros momentos, o tempo nos faz parar mesmo quando queremos continuar**

**Definitivamente há momentos em que precisamos parar no tempo**

**Contudo, a nossa vida continua a fazer história ou parte dela**

**A nossa vida não deixa de ser registrada no tempo, na história...**

**A história permanece enquanto há vida**

**Enquanto a vida continua, a nossa história é escrita simultaneamente**

**Então? O que você vai registrar hoje?**

Hoje sou grato.

## RESUMO

Nosso trabalho de pesquisa volta-se para as relações histórico-afetivas entre pessoas do mesmo sexo enquanto uma relação que se propõe andar na contra mão dos padrões normativos estabelecidos pelas práticas de disciplinamento sociais, guiada pelos padrões da *dominação masculina*. Uma temática que vem marcando presença na agenda contemporânea de maneira peculiar, permeando e inflamando o contexto religioso, também pauta de inúmeros debates no senado brasileiro, tema que tem sido abordado diariamente pela maquinaria midiática, ressonando nas ruas, nos bares, nas escolas. Nossa pesquisa tem como proposta analisar e problematizar o *cotidiano* e a *legitimidade* das relações homoafetivas abordadas nas produções cinemáticas nacionais intituladas: *Do começo ao fim* e *Como esquecer*. Problematizando a partir dessas duas obras, uma *nova abordagem* da temática gay no *cinema contemporâneo nacional*, “reapresentando” o cotidiano dos diferentes, a relação afetiva entre iguais, a vivência do sentimento e do prazer sexual, na rotina de suas relações, apresentando os diferentes como iguais, revelando seu lado humano constantemente negado e o seu lugar de cidadão comum, com direitos, história, identidade e sentimentos.

**Palavras-chaves: dominação masculina, cinema brasileiro, homossexual, cotidiano.**

## **ABSTRACT**

Our research turns to the historical and emotional relationships between people of the same sex as a relationship that is proposed walk in hand against the normative standards set by the practices of social discipline , guided by the standards of male domination . A theme that has a presence in contemporary agenda peculiar way , permeating and inflaming religious context , also agenda of debate at the Brazilian Senate , a topic that has been addressed daily by the media machinery, echoing in the streets , in bars, in schools . Our research is to analyze and question the legitimacy of daily life and relationships homoafetivas addressed in national cinematic productions titled : From beginning to end , and How to forget . Questioning from these two works , a new approach to the national gay-themed contemporary cinema , " re - presenting " the daily life of different affective relationship between equals , and the experiences of feeling sexual pleasure during their routine relations, presenting different as equals , revealing his human side and constantly denied their place of ordinary citizens with rights , history , identity and feelings .

**Keynords: male domination, brazilian cinema, gay, everyday.**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1	
O Cinema e a História .....	9
CAPÍTULO 2	
A Homossexualidade no Brasil.....	11
CAPÍTULO 3	
Antônio Moreno e a personagem homossexual no cinema brasileiro .....	18
CAPÍTULO 4	
Do Começo ao Fim & Como Esquecer .....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

## INTRODUÇÃO

O cinema brasileiro vive um momento muito especial no tempo presente, momento este que chega cheio de significados e representações, onde a produção nacional tem recebido o elogio da crítica internacional e do povo do Brasil que tem respondido de maneira peculiar e diferente de outros tempos, rompendo com o ditado popular de que “santo de casa, não faz milagre”. O cinema nacional vem atraindo e prendendo a atenção dos de casa com uma capacidade e força de entretenimento “pouco comum”, gerando certa expectativa no mínimo surpreendente, sendo acompanhado, conferido e valorizado.

Dentro dessa verdade não podemos negar a verdadeira situação econômica e política do Brasil, que da categoria de país de terceiro mundo, hoje figura como país emergente e com uma economia que pretende ser a quarta maior do planeta, já atuando de maneira significativa no cenário internacional, marcando presença nos principais debates que envolvem as chamadas nações desenvolvidas.

Voltando-se para temáticas intrigantes e polêmicas o cinema nacional se constituiu definitivamente num “novo” espaço de debate social, onde convoca toda a população para refletir e opinar a respeito de questões comuns como, amor, fidelidade e traições, falando de casamento e separações, de famílias, drogas e músicas, abordando temas como a violência e a realidade social, passeando pelas favelas, pelos becos, guetos, shoppings, avenidas e condomínios residenciais, mergulhando nas problemáticas que envolvem o cenário político, denunciando a corrupção e questionando posições estabelecidas pelos padrões normativos instituídos especificamente pela dominação masculina que guia a conduta da sociedade, fazendo o espectador refletir sobre temas antes ignorados e tratados como desconhecidos ou simplesmente indignos de reflexão.

## O Cinema e a História

Em *Historiografia e[m] diversidade: artes e artimanhas do fazer históricos*; **Regina Maria Rodrigues Behar** em seu texto intitulado, *Cinema e História: Um Diálogo Contemporâneo e Suas Possibilidades*; convida-nos e nos leva por um caminho de reflexão em torno da conquista do espaço que o cinema garantiu ou instituiu para si, não apenas na sociedade comum, mas também no meio acadêmico.

É por meio do cinema ou da Sétima Arte, que a sociedade é conduzida a refletir e pensar, seus valores, condutas e vivências, rompendo com fronteiras estabelecidas e percebidas como naturais ao longo do tempo.

**“O cinema encontrou lugar em nossa sociedade por sua capacidade de contar histórias, e ao longo de seu desenvolvimento técnico, de forma cada vez mais complexa, envolvendo diversas linguagens. O filme é um texto narrativo mais complexo que o romance [...]” (Behar, 2010:300)**

Além da amplitude que caracteristicamente pertence ao cinema, nos voltaremos aqui para a flexibilidade e a interdisciplinaridade da Nova História; que nos permite enquanto pesquisadores e historiadores dialogar com outras ciências, disciplinas ou maneiras de pesquisar e conhecer.

Graças a este processo iniciado na década de 70 e que tem como protagonista o historiador francês **Marc Ferro** que percebe o cinema enquanto um testemunho singular de seu tempo, peculiar por estar livre e poder driblar a censura do Estado, revelando especificidades das sociedades, como também o poder dominante e a oposição.

Hoje podemos tomar a produção cinematográfica por referência, fonte, documento histórico e objeto de estudo que tem muito a dizer e por isso deve ser questionado, lido, pesquisado, investigado e comparado com os textos dos grandes teóricos, na certeza de que nos dará um retorno significativo e no mínimo relevante, revelando parte da compreensão que buscamos quanto aos comportamentos e as transformações da sociedade e aqui colocamos em questão a nossa sociedade brasileira.

Em *Identidades e Sensibilidades: o cinema como espaço de leituras*, **Iranilson Buriti** destaca que o cinema oferece “*uma possibilidade infundável de interpretações e*

*representações pois propõe uma rede de sensibilidades que se constroem em cada indivíduo que se propõe a gestar suas próprias leituras da “Sétima Arte” e suas infinitas possibilidades de enredos, temáticas, temporalidades e especialidades”.*

Desse modo, entendemos que o cinema consolida-se enquanto lugar de debate, reflexões, construções e desconstruções sociais, não apenas por sua liberdade de produção, mas em especial pelo envolvimento do indivíduo que o produz enquanto sujeito, por sua capacidade de interação e captação de público.

## A Homossexualidade no Brasil

Mas antes de nos determos aos documentos fílmicos aqui já destacados, vamos voltar nossa atenção para uma breve análise da história dos afetos ou das sexualidades que contrariaram a normatividade empregada como natural, estamos falando dos padrões heterossexistas dentro do contexto Brasil, um recorte. Em seu livro, *Devassos no Paraíso*, **João Silvério Trevisan** aborda a temática da homossexualidade no Brasil, iniciando sua jornada desde o período colonial se estendendo até a atualidade. Esta obra teve várias reedições, obtendo boa crítica e fornecendo um conteúdo que nos permite ter uma visão panorâmica do desenrolar da vivência gay no país continente. No primeiro capítulo da terceira parte de seu livro, **Trevisan** desenvolve um texto intitulado de *As elites homofóbicas*, essa elite composta por parte da sociedade brasileira que “luta” em defesa da família, da moral e dos bons costumes, essa elite brasileira seria composta pelos detentores do poder, com domínio estabelecido sobre a cultura, a economia e a religião estes realizavam uma fiscalização, exerciam certo controle sobre o comportamento social, logo traduzido em repressão sobre a conduta sexual “indevida” ou diferente, impondo aquilo que seria natural ou normal na perspectiva da elite dominante, esse zelo pelos bons costumes e pela moral da família apresentou aos “transgressores” os limites expressos pela inquisição, códigos penais, portarias policiais e a censura estatal.

**“[...] em 1982, o então ministro da Educação e da Cultura, general Rubem Ludwig, fazia coro com o presidente João Figueiredo na articulação de uma campanha contra a escalada pornográfica, segundo ele, o erotismo não tem raízes na tradição cultural brasileira. Em consequência, pornô-shops foram fechados, proibiu-se a venda de revistas pornográficas nas bancas, a censura aos filmes se tornou mais rígida e bispos de várias dioceses organizaram campanhas de boicote aos canais de TV que apresentassem obras consideradas “impróprias” para os lares cristãos.” (Trevisan, 2007:157–158)**

No início da década de 1990 o vereador Renildo do Santos da cidade de Coqueiro Seco no estado das Alagoas, ao assumir ser bissexual, foi afastado do seu cargo por quebra de decoro, passando a receber inúmeras ameaças de morte, foi em seguida seqüestrado e assassinado, seu corpo foi encontrado decapitado, seus órgãos



sexuais mutilados, pernas quebradas, dedos e unhas das mãos arrancadas, sua cabeça apareceu boiando num rio, sem olhos, sem a língua e as orelhas, além disso, estava com dois tiros num ouvido.

**“Em Brasília, durante a aprovação da nova Constituição de 1988, o plenário do Congresso Constituinte votou quase em peso contra a inclusão do item que proibia discriminação “por orientação sexual”. A bancada evangélica bateu palmas, ante a derrota da assim chamada “emenda dos viados” ou, para usar os termos do líder do governo Carlos Sant’Anna, emenda da “desorientação sexual”.” (Trevisan, 2007:158)**

**Trevisan** segue em seu texto afirmando que a elite mais uma vez havia “salvado” ou resguardado o direito da família, os valores morais da nação, defendendo o lado humano da sociedade da possibilidade de uma contaminação sodomita. Em 1997, depois de quase uma década, a Câmara Federal voltou à temática da vivência gay, um projeto de lei que buscava regulamentar a união civil entre pessoas do mesmo sexo foi proposto pela deputada federal Marta Suplicy e intitulado pelos defensores do bom costume de “casamento gay”, a discussão passou das 23 horas e fora repleta de baixaza e preconceito, gestos obscenos, vaias, gritos da bancada opositora que afirma ser aquele projeto um desrespeito a Casa e uma aberração à natureza

Em *Histórias íntimas; sexualidade e erotismo na história do Brasil* e em *História do amor no Brasil*, a historiadora **Mary Del Priore** se volta para a vivência da sexualidade brasileira, analisando suas mudanças através das décadas. Aqueles (os homossexuais) que dantes estavam condenados a vivenciar seus afetos, amores e sexualidade nas sombras e nos guetos que estivessem distantes dos olhos da sociedade, eram também reprimidos e oprimidos, proibidos de amar e condenados a solidão, culpados e julgados pela perversão de suas práticas e tratados como doentes de comportamento esquizofrênico, tinham inúmeras receitas de cura indicada pela medicina e em seguida, outras, alternativas para a libertação definitiva do mal, apontadas pela religião.

**“Não faltaram indicações de tratamentos médico-pedagógicos que, junto com a religião, eram tidos como remédios para a “inversão sexual”. O transplante de testículos, por exemplo, era uma dessas “receitas científicas” para o “problema”. Outra era a convulsoterapia, ou injeção de insulina, para “curar” o que se**

**considerava, então, um comportamento esquizofrênico. Outra, ainda, o confinamento em hospícios psiquiátricos.” (Del Priore, 2006: 296)**

**Mary Del Priore** dá destaque para a AIDS quando fala do perigo do desconhecido, a autora discorre sobre o tema, o surgimento e a identificação do vírus no país durante a década de 1980, a reação ao vírus letal, apresentado e compreendido por toda sociedade como o “câncer gay”, o que também poderia ser percebido como um castigo para os pecados dos perversos. Para a autora o surgimento da AIDS chegou como um freio na liberdade sexual recém conquistada nas décadas anteriores, resgatando e fortalecendo assim o preconceito contra os homossexuais e o sentimento de preservação da moral e dos bons costumes, a AIDS serviria como uma justificativa para a condenação social de todos os “sodomitas”, uma sugestão de que Deus estava aliado, apoiando a desumanização do ser diferente; um castigo aplicado.

**“No final dos 80, os doentes ficavam em pavilhões de isolamento e o pessoal que fazia enfermagem tinha “medo” dos pacientes. Os familiares eram discriminados. Até os médicos sabiam pouco.” (Del Priore, 2011:215)**

Para **Trevisan** o preconceito ou o afastamento de algum infectado, também pode ser compreendido ao nos revelar o nosso medo da morte, morte esta que o vírus anuncia ao mesmo tempo o autor sugere um lucro e um lado positivo que a AIDS trouxe para a sociedade, este lucro seria viver a experiência da vida com a intensidade proposta pela presença da morte anunciada, questões existenciais de lado, **Trevisan** conclui fechando o debate, afirmando que graças ao vírus HIV os homossexuais obtiveram visibilidade, notoriedade e a confirmação da existência real dos diferentes.

**“No caso específico dos homossexuais, que por muitos anos estivemos na linha de frente da epidemia, o HIV fez ainda o milagre de nos revelar ao mundo. A contragosto ou não, as primeiras páginas dos jornais estamparam repetidamente que nós existimos. Se a visibilidade é um tema político fundamental, então o vírus nos deu a maior visibilidade possível, num curtíssimo prazo: aquilo que o movimento homossexual não conseguiria em duas décadas, o vírus fez em poucos anos de peste. Em função do vírus, hoje já se sabe amplamente onde e como trepamos. Um adolescente prestes a se assumir certamente saberá, graças ao uso divulgado da camisinha, que tem muita gente dando o cu e que,**

portanto, isso não é coisa do outro mundo.” (Trevisan, 2004:518-519)

Falando em retorno positivo com o surgimento da AIDS, de fato surgiu também com o vírus uma grande onda de afinidades e de identificação que ultrapassou as fronteiras da identidade sexual, envolvendo familiares, amigos e profissionais da saúde e em grande parte não homossexuais, estabelecendo redes de solidariedade aos infectados e de combate à doença, promovendo e defendendo o sexo seguro independente da prática, da identidade ou da orientação sexual.

**“Simultaneamente, a doença também teve um impacto que alguns denominaram de “positivo”, na medida em que provocou o surgimento de redes de solidariedade. O resultado são alianças não necessariamente baseadas na identidade, mas sim num sentimento de afinidade que une tanto os sujeitos atingidos (muitos, certamente, não-homossexuais) quanto seus familiares, amigos, trabalhadores e trabalhadoras da área de saúde, etc. As redes escapam, portanto, dos contornos da comunidade homossexual tal como era definida até então.” (Lopes, 2001:545)**

**“Em 1988 as reações começaram. Foi fundado o GAPA, Grupo de Apoio e Prevenção da AIDS, na Bahia. O jornalista Herbert Daniel, sentindo-se agredido pelo tratamento e preconceito dispensados aos aidéticos, publicou *Vida antes da morte*, “um chamamento à solidariedade como alternativa à morte civil”. O desafio era lutar contra a moléstia, ajudando a construir a cidadania.” (Del Priore, 2011:215)**

**“A partir dos anos 2000, vozes cada vez mais altas levantam-se em favor de ações governamentais para o tratamento de soropositivos. Predomina, desde então, o discurso oficial e científico sobre a doença. As vozes dos atingidos ainda se ouvem mal. Porém, fala-se mais em gente que “vive” com o HIV e não naqueles que “morrem”.” (Del Priore, 2011:217)**

Em *Corpo, Gênero e Sexualidade*, a historiadora **Guacira Lopes Louro** afirma que hoje vivemos uma nova realidade, onde a transitoriedade e a instabilidade se transformaram em características da pós-modernidade. Os padrões, as certezas e regras do passado estabelecidas pelo homem branco, ocidental, heterossexual e de classe média que exerce a dominação masculina, estão cedendo espaço quer queira ou não,

para questões “cruciais” e assim colocando suas posições e teorias, apresentadas e defendidas como naturais e universais em dúvida. (Será?) Essa transformação que hoje vem ganhando mais espaço, provavelmente surgiu durante a década de 1960, onde grupos sociais submetidos, silenciados e identificados como minorias, faziam-se ouvir por meio de suas ações e posições percebidas como desvalorizadas e ignoradas, anunciando um novo comportamento e uma nova cultura complexa, múltipla, desarmoniosa e sem regras de continuidade, que reclama o seu lugar social, questionando os espaços estabelecidos, as fronteiras e o centro. Se há um centro instituído, há um discurso em torno dele e uma conclusão, que se apresenta no dogma e nas regras da normatividade das representações e das vivências de gênero e de sexualidade, logo estar fora desses padrões prontos e estabelecidos, implica automaticamente se transformar num transgressor, desviante e excêntrico, se posicionando na contra mão das regras apresentadas como naturais e logo, dos dogmas vigentes.

Para **Guacira**, não podemos ignorar ou subestimar as histórias de subordinação vividas pelos grupos dos diferentes e ao mesmo tempo deveríamos entender que todas as posições, podem se mover, pois nenhuma é fixa, nem natural ou estável e ao mesmo tempo perceber que os diferentes estão nos dizendo coisas, de que eles são parte da sociedade e que a verdade é plural. Quanto à sexualidade, **Guacira** rompe com a posição binária que indica apenas duas alternativas para sua vivencia, se limitando entre o homossexual e o heterossexual, e assim não se pretende fechar a questão quanto às diferenças, mas ampliá-la à flexibilidade do relacional, contingente e provisório.

**“Precisamos, enfim, nos voltar para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade, a universalidade e a unidade do centro e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições.” (Lopes, 2008:51)**

Em *A Dominação Masculina*, o antropólogo **Pierre Bourdieu** destaca o que ele intitula de “O Trabalho Histórico de Des-Historicização”, afirmando que o que hoje se apresenta como eterno é na verdade o resultado de um “trabalho histórico de eternização” e essa máxima de Bourdieu tem um endereço certo, a dominação masculina que vem sendo produzida e preservada através dos tempos, uma construção apresentada como natural, tendo como seus maiores defensores e militantes a Família, a

Igreja, a Escola e o Estado, uma participação por muitas vezes possivelmente inconsciente, que na estratégia de preservar as tradições, acabam por reproduzir tal comportamento como modelo absoluto da ordem social e moral, onde o masculino, o seu poder, controle e virilidade são superiores e estão acima da mulher, do ancião, da criança ou daqueles que se assemelham a estes. Destaque para o homossexual, que deixa de ser masculino e passa a se assemelhar ao feminino, assim é a posição e percepção da dominação masculina.

**“Em suma, ao trazer à luz as invariantes trans-históricas da relação entre os “gêneros”, a história se obriga a tomar como objeto o trabalho histórico de des-historicização que as produziu e reproduziu continuamente de *diferenciação* a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se. Ela deveria empenhar-se particularmente em descrever e analisar a (re) construção social, sempre recomeçada, dos princípios de visão e de divisão geradores dos “gêneros” e, mais amplamente, das diferentes categorias de práticas sexuais (sobretudo heterossexuais e homossexuais), sendo a própria heterossexualidade construída e socialmente constituída como padrão universal de toda prática sexual “normal”, isto é, distanciada da ignomínia da “contranatureza”. (Bourdieu, 2010:102)**

A sexualidade foi colocada na pauta social como uma questão existencial e de caráter, a sexualidade foi forjada para servir apenas para o prazer heterossexual e totalmente voltado para o sexo masculino, onde o feminino e os seus semelhantes ou simplesmente diferentes do referencial dominante ficou com o dever e a obrigação de ser dominado e logo servir. Assim condicionando toda a sociedade a um padrão de conduta subordinada ao masculino e fixada na heterossexualidade ou na homossexualidade, fora dessas duas opções de vivência da sexualidade não havia mais nenhuma outra. Buscou-se controlar os impulsos e desejos sexuais, a medicina, a psicologia, a religião e o Estado ditaram normas de conduta, edificando e unificando um único padrão a ser reproduzido, e simultaneamente condenando tudo o que se manifestasse fora dos padrões e princípios já estabelecidos à pena capital, com direito à morte.

**“O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do**

**discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo.” (Foucault, 1994:99)**

## **Antônio Moreno e a personagem homossexual no cinema brasileiro**

Assim como em todos os espaços da comunicação humana, o cinema também exerceu repressão sobre os diferentes, definiu homem e mulher, macho e fêmea, divulgando e defendendo o modelo patriarcal como padrão ideal e moral, negando as diferenças sexuais e devotando as mulheres o papel de objetos de desejo, a ser dominada e sobre a mulher e os seus semelhantes, a supremacia e o poder do herói, dos bravos guerreiros e dominadores masculinos.

**“O tema era tão tabu que nem mesmo se permitia ao público imaginar tal tipo de comportamento. (...) Era como se o homossexualismo não existisse. Embora houvesse, a sociedade fingia não perceber. E o cinema seguia a regra. Às vezes sugeria numa troca de olhar entre homens, ou através de frases dúbias nos diálogos, um certo tipo inexplicável de amizade.” (Moreno, 2001:26)**

Em *A Personagem Homossexual no Cinema Brasileiro*, **Antônio Moreno**, realiza um levantamento dos filmes brasileiros que abordam a temática homossexual e assim o autor analisa o perfil dado a essas personagens, seus primeiros registros surgem a partir da década de 1920 e se estende até os anos 1990:

**“Da referida lista, o primeiro filme a trazer a personagem homossexual foi uma comédia dirigida por Luiz de Barros em 1923, *Augusto Aníbal quer casar*. É interessante notar que, realizado no começo da década de 1920, deve ter causado algum impacto na bem-comportada sociedade da época, pois o personagem título, na sua busca por uma noiva, terminava casando por engano com um travesti (interpretado pelo ator-transformista Darwin, da companhia francesa de espetáculos Bataclan, que se encontrava no Rio).” (Moreno, 2001: 67)**

Moreno inicia sua escrita levantando duas questões principais que irão nortear sua reflexão: *“Qual o retrato que o cinema brasileiro está fazendo do gay/lésbica? Qual o discurso que o mesmo cinema brasileiro tem construído a respeito dos homossexuais?”*

Ao tratar da temática *homossexual* o cinema brasileiro foi construindo um perfil e uma imagem para os diferentes entre estereotipificações carnavalescas, onde os personagens destacavam a vivência de suas experiências, por via de regra sempre negativas ou com o objetivo de fazer a platéia rir, ridicularizando o homossexual.

**“Um sujeito alienado politicamente, presente em todas as classes sociais, com preponderância na classe média baixa. De**

**comportamento agressivo, ele frequentemente tem um gestual feminino exacerbado, que se estende ao gosto pelo vestuário. Nos relacionamentos interpessoais, esse cara mostra tendência à solidão e é incapaz de uma relação monogâmica, pois se utiliza de vários parceiros, geralmente pagos, para ter companhia.” (Moreno, 2001:45)**

O cinema contemporâneo definitivamente se instituiu enquanto campo e lugar de debate para a temática da sexualidade entre tantas outras, enquanto os diferentes sofriam preconceitos e condenações por tomarem o caminho oposto ao indicado pelos padrões da normatividade social, e assim sofriam silenciados a dor da repressão. O cinema assim inaugurou uma ação que permitiu aos “*sodomitas*” dar voz, forma, vida e cor as suas histórias.

Nitidamente percebemos uma tentativa da *dominação masculina* de negar aos “*diferentes*” o direito de ser humano. O gay e a lésbica aqui em especial, foram expulsos de casa, arrancados do seio da família, foram desassociados e impedidos de conviverem em seus espaços religiosos, destes roubaram o direito à fé, foram perseguidos nas ruas das cidades, foram torturados pelas ditaduras, presos e condenados à morte pelas inquisições religiosas, políticas, militares e outras. A estes fora negado a fala e o direito de defender-se; verdadeiramente massacrados, mutilados e desumanizados.



## **Do Começo ao Fim & Como Esquecer**

A escolha das produções cinematográficas nacionais **Como Esquecer** e **Do Começo ao Fim**, não foi feita por um motivo banal ou de maneira aleatória, mas percebemos com certa facilidade nesses dois filmes uma proposta da clara intenção dos autores e diretores, de resgatar a humanidade e a dignidade negadas aos gays e as lésbicas em especial.

Essas duas produções contemporâneas do cinema brasileiro relatam com delicadeza e suavidade o cotidiano das relações homoafetivas, de caráter monogâmico, os sonhos compartilhados, a lealdade e a aliança vivida, a legitimidade das relações e dos sentimentos. No cinema contemporâneo pós-moderno, as personagens homossexuais saíram das sombras, deixa de se esconder a margem da sociedade, não se abate aos estigmas devotados pela prática homossexual, não paga com dinheiro para viver sua sexualidade. São indivíduos que tem não apenas um espaço, mas uma vida social; são indivíduos politicamente participativos, desenvolvendo seus papéis na sociedade, vivem seus afetos, sem deixar nada a dever aos padrões heteronormativos que não enxerga outra forma de amar, a não ser a heterossexual.

**Do Começo ao Fim** e **Como Esquecer**, apresenta cada um, uma realidade que por décadas fora negada aos gays e lésbicas ao estamparem nas telas dos cinemas brasileiros a existência de afeto e amor entre iguais, que mesmo diferentes dos “*normais*” estes também amam e sofrem por amor, são dignos e tem bom caráter, logo não estão condenados a viver uma vida marginal pelo fato de não se comportarem de acordo com as regras e os padrões estabelecidos.

**Do Começo ao Fim**, um filme de **Aluizio Abranches** e também dirigido por ele, estreou em meados do segundo semestre do ano de 2009, mesmo antes da estréia já causou furor, primeiro por se tratar de um filme brasileiro com a temática homossexual, fato que já garantia uma resistência ou polêmica e a certeza de uma crítica feroz. Segundo, pelo simples fato do filme além de tratar de uma relação homossexual, essa relação acontece entre irmãos, ou seja, o filme aborda uma relação homossexual incestuosa. Definitivamente dois tabus de peso num mesmo filme, levado as telas brasileiras. Os cartazes anunciando a estréia nos cinemas, já despertavam a curiosidade dos presentes, ao se aproximarem e identificarem se tratar de uma relação gay e, além

disso, entre irmãos, era de fato possível perceber o espanto ou a surpresa denunciada pelos observadores.

Nos sites de relacionamentos e nas páginas da internet dedicadas ao cinema é possível verificar um debate, travado pela resistência social à temática ainda vista como tabu, sendo confrontada pela opinião de simpatizantes que realizaram uma avaliação positiva da obra. Paralelamente, identificamos também em grande número expressões de ódio aos gays, reprovando o filme, os atores, a proposta lançada, reclamando ser fruto da democracia que sujeita a sociedade a ter que engolir de “tudo”, inclusive um lixo e filme de tal natureza. Comentários homofóbicos, convidam a sociedade a se agrupar e se unir contra os gays, atirando sobre os participantes da parada gay solda cáustica.

Estrelado por **Fábio Assunção** que faz o papel de pai de um dos meninos, **Júlia Lemmertz** que interpreta a mãe, **Rafael Cardoso** interpretando Tomás quando adulto e **João Gabriel Vasconcellos** no papel de Francisco Adulto. O longa **Do Começo ao Fim**, narra à história de dois irmãos, filhos de uma médica, mas de pais diferentes, quando crianças com idade aparentemente variando entre os 12 e 7 anos; Thomas e Francisco são irmãos apegados, que brincam juntos e sempre estão perto um do outro, revelando a super proteção do irmão mais velho sobre o mais novo. A intimidade entre eles chama a atenção da família, mas não desperta nenhuma reação de impacto ou traumas.

Há um pequeno, singelo e profundo diálogo entre a mãe Julieta e o seu filho mais velho Francisco ainda quando criança. Ao chegar do trabalho e se deparar com a cena do filho caçula deitado no colo do irmão Francisco que se encontrava com uma das pernas engessadas, por se envolver numa briga na escola ao defender Thomas de outros meninos, Julieta mostra-se um tanto confusa diante da cumplicidade notória entre seus dois filhos. Acompanhada por uma trilha sonora que na verdade trata-se de uma melodia dedilhada ao piano, que reveste o filme durante praticamente toda sua exibição, trazendo certo tom de suavidade, harmonia e equilíbrio ao drama vivido, tem-se início um diálogo delicado e sem traumas, onde as palavras fluem de maneira pausada e serena:

Julieta: “*Seu irmão tem cuidado bem de você?*”

Francisco: *“Ele disse que quando crescer quer ser médico “que nem” você.”*

Silêncio pausado... A mãe acaricia os dois filhos com lágrimas nos olhos enquanto a melodia vai ganhando tons suaves e logo mais brandos, sempre sugerindo suavidade e Julieta segue com o delicado diálogo: *“Tem alguma coisa que você queira me contar?”*

Francisco sem pestanejar responde de maneira espontânea: *“Que coisa?”*

Julieta: *“Não sei. Alguma coisa que você não esteja entendendo?”*

Francisco segue da mesma maneira suave e espontânea: *“Do colégio?!”* Esperançoso o menino parece tentar adivinhar do que se trata a conversa que a mãe inicia com ele.

Julieta: *“Não exatamente... Alguma coisa sobre você, seu irmão. Sobre as coisas da vida...”*

Há um silêncio ainda acompanhado pela melodia do piano, o menino Francisco olha atentamente nos olhos da mãe enquanto alisa os cabelos do pequeno Thomas. Julieta de maneira serena e de fato comovente segue seu discurso pausadamente: *Se algum dia... Se você quiser conversar comigo... Se houver alguma coisa que você... Não esteja entendendo direito... Não precisa ficar com vergonha. Tá?”*

Francisco: *“Eu sei mãe. Eu te amo muito. Tá?”* A mãe respira de maneira profunda, pega a mão do filho e a beija suavemente, em resposta ao carinho de Julieta, Francisco solta um beijo. Julieta inclina/deita seu corpo no sofá juntando-se aos meninos e termina o diálogo: *“Te amo também.”*



A suavidade com que o diretor **Aluisio Abranches** decidiu tratar o filme, não apenas por meio da trilha sonora ou das imagens que podemos encontrar na obra, mas em especial por meio do diálogo e de certo modo também pela falta dele ou da problematização tão esperada por alguns espectadores, revela automaticamente um

maneira de fato diferente de tratar a vivência da homoafetividade pelas lentes do cinema brasileiro.

Em entrevistas, o diretor revelou que sua inspiração era falar da família e do amor, usando o termo “desproblematizar” tentou dizer que o amor é bonito e possível mesmo diante de qualquer dificuldade, seja na realidade da homossexualidade ou do incesto. Gostaria ainda de acrescentar a seguinte afirmação do autor e diretor: “*Na minha história não tem ferida*”; a proposta e investida de **Abranches**, em tratar com naturalidade a relação homossexual e incestuosa, perspectiva que incomodou inclusive a alguns “entendidos” que além dos críticos de cinema esperavam uma problematização dos fatos, mas para Abranches, sua meta fora alcançada: apresentar o amor entre iguais, como algo suave, feliz e possível.

Entre a infância/adolescência e a juventude/vida adulta, há de fato um abismo e uma ausência de informação. Com a perda da mãe, os irmãos permanecem morando com um dos pais, que se ausenta da casa, só depois da morte da mãe e da saída do pai da casa, o filme mostra o que seria a primeira relação sexual do casal de irmãos. **Do Começo ao Fim** é de fato delicado, não apenas se tratando do tema abordado, mas da maneira como tudo acontece.

A ausência de uma problemática vivenciada em consequência da relação homossexual incestuosa foi questionada como já dissemos anteriormente, mas para Abranches tudo ocorreu como planejado, segundo ele a proposta era mostrar a existência de um amor possível e feliz entre iguais, ainda que irmãos e tão diferentes dos padrões normativos estabelecidos. O filme apresenta uma harmonia constante, nas imagens e na trilha sonora, o texto é tão suave quanto à melodia, o sofrimento de fato não tem cadeira cativa, o que percebemos é o sofrimento da ausência do outro vivido tanto pelo Thomas, quanto pelo Francisco.

O caçula se dedicou a natação ao ponto de ser convocado para participar de uma olimpíada, vivendo o sonho do Francisco, já o Francisco se tornara médico, vivendo assim o sonho do irmão mais novo. Com a convocação para competir na olimpíada Thomas precisou deixar o Brasil para treinar na Rússia, durante esse tempo percebemos o sofrimento que ambos viveram em especial o Francisco o irmão mais velho, que passa a encenar dias de marasmos na ausência do amado, a saudade o arrebatava na cama, onde ele se contorce de dor; desse modo Abranches apresenta uma nova realidade de fato no

cinema nacional, quando a temática em questão é a homoafetividade, não há indivíduos gays promíscuos ou marginalizados, há indivíduos que vivem uma relação entre iguais, sadia, equilibrada e legitimada pelo sentimento. O roteiro do filme parece acontecer num tempo que não é o nosso, onde as relações entre iguais são não apenas possíveis, mas legitimadas.



A legitimidade é carimbada, confirmada e liberada pela família de Francisco e de Thomas, representada no filme pelos pais que de modo algum batem de frente ou se posicionam contra a vivência da afetividade que acontece entre os irmãos. A naturalidade dada ao filme, às imagens sempre apresentadas dentro do espaço e do contexto familiar, a vivência da relação em sua grande maioria à luz do dia, definitivamente fora das sombras ou dos guetos, espaços destinados aos gays e reproduzidos pelo cinema, ganha pela perspectiva e ótica do filme, uma nova realidade legitimada e mais que permitida, abraçada pela família o maior referencial moral sempre mencionada pelos padrões de dominação masculina.

**“O que não vejo é obstáculos na união de corações sinceros. O amor não se turva em águas turvas, nem se curva ante a chuva. Não! É uma luz constante que a tempestade não altera. É a estrela de toda não errante, de brilho claro embora sem matéria. Não é um brinquedo do tempo embora a carne sofra o peso de sua foice. Se isso for falso e provado também, não escrevi e nunca se amou alguém.” (Extraído do filme DO COMEÇO AO FIM, 2009)**

**Como esquecer**, um filme dirigido e elaborado por **Malu Di Martino e Elisa Tolomelli**, é na verdade uma adaptação inspirada na história autobiográfica de **Myriam**

**Campelo**, um roteiro que durou três anos para ficar pronto. Estrelado por **Ana Paula Arosio**, no papel de Júlia, **Murilo Rosa** interpretando Hugo o melhor amigo de Júlia, **Natália Lage** como Lisa e **Arieta Corrêa** como Helena.

Júlia é uma professora de literatura inglesa que vive a dor de ter sido deixada pelo amor de sua vida (Antonia), uma dor que a consome noite e dia. A trama se desenrola em torno desse acontecimento; Júlia se torna uma pessoa fechada, isolada, de poucas palavras; a dor a impede durante um bom tempo de ver o mundo com outros olhos, a não ser a perda que ela vive a tristeza a acompanha constantemente. Quem lhe consola é o amigo Hugo um homossexual viúvo que perdeu seu companheiro há cerca de um ano, mas encontra-se de certo modo adaptado a nova realidade de sua vida. Hugo tem sua maneira de superar a perda, depois de pensar ter vivido o luto, ele decide sair, ver pessoas, beber e dançar, na tentativa de se distrair e recomeçar; enquanto isso Júlia evita sair de casa e ter encontros que para ela são desnecessários, o tempo passa e Júlia vive o seu luto.

Numa nova abordagem voltada para a



temática homossexual, **Como**

**esquecer**, reafirma o novo caminho e a nova faze apontada e seguida pela produção cinematográfica brasileira. Há um tom de legitimidade, há um novo olhar sobre o sujeito homossexual, há um tratamento e uma percepção antes não encontrada e agora devotada aos diferentes. Entre uma lembrança e outra, Júlia parece compartilhar seu diário que tem apenas um único assunto: “*minha vida sem Antônio.*”

O filme é iniciado com imagens domésticas, feitas por Júlia e Antônio quando juntas. Entre uma lembrança e outra Júlia mergulha num estado de dor e desolação, a depressão a sufoca. O filme todo gira em torno da tentativa de superar a perda, a

ausência de alguém que deseja estar junto, Júlia chora a ausência de Antônia, Hugo chora a morte de Pedro e Lisa a dor de ter sido abandonada pelo namorado ao descobrir que ela estava grávida.

**Como esquecer**, trás apresenta a batalha travada por três pessoas, na tentativa de se adaptarem a uma nova realidade, sem a pessoa amada. Revela as conseqüências e seqüelas vividas por Júlia ao ser abandonada por outra mulher. Júlia sofre por amor e o seu maior desafio é se descobrir viva sem sua companheira.



Durante sua dor, Júlia não se permite se deixar envolver com outra pessoa, não acha justo curar uma dor usando uma segunda pessoa como alívio, para tanto ela se isola, prefere o silêncio e enquanto isso é maltrata pelas lembranças de um passado que desejava estar no presente.

Três amigos sofrem a perda e se ajudam de maneira mútua, cada um em seu mundo particular, acaba compartilhando e buscando possibilidades de superação, mas para Júlia a morte parece ser melhor que uma vida sem Antônia. Noites em claro, o desespero abraça e amarra Júlia que a impede por bom tempo de voltar à vida que é sua, sua vida parece perdida e sua reflexão quanto à ausência de Antônia e a impossibilidade de amar se estende por todo o filme, no entanto Júlia conclui que mesmo pensando



menos e aparentemente sofrendo menos, a ausência de Antonia e as lembranças vividas, a visitam como fantasmas.

Júlia ao narrar sua história não disfarça, nem tenta omitir sua dor, pelo contrário, faz questão de desnudar sua alma e viver sua angústia. Ao tratar de conflitos e sentimentos comuns a qualquer pessoa, **Como esquecer** torna seu enredo envolvente ao relatar os sentimentos e as emoções humanas, ao compartilhar a humanidade entre as personagens acaba devolvendo por meio de Júlia e Hugo a humanidade um dia tomada do ser homossexual. O ambiente da casa que é tomado pelo sentimento de perda, morte e medo é confrontado pela presença de Helena prima de Lisa, que trás novos ares e uma nova rotina aos três amigos, mas em especial a Júlia, com quem se envolve afetivamente e sexualmente.

Aqui os gays, não são marginais fugitivos, sempre escondidos e em posição de dominados ou subordinados, há um resgate da dignidade, há uma valorização do sentimento, há uma devolução da humanidade antes não apenas negada, mas também, roubada do ser gay. **Como esquecer**, relata a dor da impossibilidade de voltar a estar com a pessoa amada; fala da dor de não poder viver um sentimento que permanece vivo, mesmo diante da ausência e da morte. O que está em questão é a legitimidade do sentimento e do amor entre iguais, são relatos de relações duradouras, são compromissos de afetos, sem datas para acabar, são amores separados pela morte ou pela vida.

**“Quando o outro parte você é apagado do mapa. Nem sua palavra sobrevive. Os risos e os diálogos que esquadrihavam o mundo foram banidos para o centro da terra, onde não possam ser lembrados. O ar está cheio de frases interrompidas que esvoaçam sem ter onde pousar. Para quem se foi, você é uma cápsula vazia, sem interesse de qualquer espécie. Pode ser trocado, vendido, dado ou até emprestado ao primeiro passante que queira recolher as sobras do desastre. Para todos os efeitos, você está morto, meu bem. Só foi avisado do assassinato depois do enterro, mas quem disse que a fé remove apenas montanhas? Às vezes remove também sua vida confiante, uma lealdade à prova dos vendavais. Às vezes o prêmio da fé restringe-se a uma boa estocada pelas costas. O assassinato amoroso é o único crime hediondo sem punição.” (Campello, 2009:31)**



## Considerações Finais

Em **Do começo ao fim** e **Como esquecer**, encontramos uma nova maneira se não, peculiar de olhar e de perceber os diferentes, os gays, as lésbicas, os homossexuais e todos os outros que se assemelham a eles, antes silenciados, marginais condenados, sem voz, sem forma, sem dignidade, sem fé, sem o direito de ser humano.

No cinema pós-moderno nacional, podemos perceber que a percepção e a posição dos transgressores dos padrões normativos e “*naturais*” pré-estabelecidos, ganham uma nova roupagem e definição, aproximando-se de sua realidade e do nosso tempo.

Não há discussão sobre a sexualidade ou opção sexual, não há um debate sobre o gênero, as pessoas, as personagens simplesmente são de forma natural e assim parece desconstruir os padrões normativos e reguladores. Os filmes não falam apenas de sexo, mas também do sentimento, do amor, do afeto e da humanidade de Júlia, de Hugo, de Helena, Francisco e Thomas.

*“Eu nasci de olhos fechados.*

*Todo mundo nasce de olhos fechados.*

*Mas os meus estavam cerrados,*

*Tão apertados que chegavam a fazer rugas.*

*Permaneci assim por mais de duas semanas.*

*Minha mãe, ao contrário do que era de se esperar, não se preocupou.*

*Dizia o tempo todo que quando eu estivesse preparado e quisesse eu abriria os olhos.*

*Foi assim, de cara, nos primeiros dias de vida... Que eu aprendi o que era livre arbítrio”*

*(Texto que dá início ao filme Do começo ao fim)*

**BIBLIOGRAFIA:**

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega; NÓBREGA, Elisa Mariana de Medeiros; SANTOS NETO, Martinho Guedes dos; BARBOSA, Vilma de Lurdes. **Historiografia e [m] diversidades: artes e artimanhas do fazer histórico.** João Pessoa: Editora da UFCG/ANPUH-PB, 2010.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

BURITI, Iranilson. **Identidades e Sensibilidades: o cinema como espaço de leituras.** Campina Grande: EDUEPB, 2012.

CAMPELLO, Myriam. **Como esquecer.** Anotações quase inglesas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas.** Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber.** Lisboa, Relógio d'Água, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade.** Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Estudos feministas: Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação.** 2001.

MANN, William J. **Bastidores de Hollywood: a influência exercida por gays e lésbicas, 1910-1969.** São Paulo: Editora Landscape, 2002.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

MORENO, Antonio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro.** Rio de Janeiro: Funarte/EDUFF, 2001.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. **Matei porque odeio gay.** Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

TREVISAN, José Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2007.

#### FILMES:

ABRANCHES, Aluizio. **Do começo ao fim**. [Filme-vídeo]. Aluizio Abranches, Fernando Libonati, Marco Nanini. Rio de Janeiro. 2009.

DE MARTINO, Malu. **Como esquecer**. [Filme-vídeo]. Malu De Martino, Elisa Tomonelli. Rio de Janeiro. 2010.